

Teatralidade nas obras de Marc Chagall.

Hayaldo Copque Fraga de Oliveira (Hayaldo Copque)
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – UFBA
Mestrando – Dramaturgia – Or^a. Prof^a. Dr^a. Catarina Sant'Anna
Ator e dramaturgo

O presente trabalho expõe, inicialmente, o pensamento de alguns teóricos a respeito do conceito de teatralidade, percorrendo um caminho que revele o olhar como elemento em posição de destaque para se pensar tal conceito. O objetivo é traçar um percurso teórico que permita operar, posteriormente, a análise de algumas obras do pintor russo Marc Chagall (1887-1985) não apenas do ponto de vista de análises convencionais de imagens, mas também, pelo ângulo de sua teatralidade para a futura criação de um texto dramático.

Palavras-chave: teatralidade; análise de imagens; Marc Chagall; dramaturgia.

O que é teatralidade? Como operar com um conceito aparentemente tão abstrato? Para aqueles que esperam respostas definitivas a tais indagações, adianto-me em alertar que o presente ensaio é apenas um início, o esboço de uma pesquisa que deverei desenvolver com maior acuidade e tempo ao longo do meu mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. Aqui tratarei de expor, panoramicamente, o pensamento de alguns autores que deixaram pistas sobre as questões levantadas, seguindo o caminho que acredito ser o mais esclarecedor para os meus objetivos. Ao final, tratarei um pouco de como o entendimento do que é a teatralidade pode servir à minha pesquisa.

Ao tratar da busca de um conceito, uma das primeiras fontes de pesquisa parece-me ser, inevitavelmente, o dicionário. Recorrendo ao mais famoso dicionário da língua portuguesa, o Aurélio, descubro a seguinte definição para teatralidade: “s.f, qualidade teatral, tom teatral”, sendo que teatral é definido como “adj, relativo ao, ou próprio do teatro; que busca produzir efeito no espectador; ostentoso”. Teatralidade poderia ser, portanto, mesclando as definições:

1. qualidade própria do teatro;
2. qualidade que busca produzir efeito no espectador;
3. qualidade ostentosa.

Pouco esclarecedor. Mesmo a definição mais adequada, não nos leva muito adiante na questão, pois todas parecem soar um tanto vagas. Talvez seja o caso de recorrer a outro tipo de dicionário, um mais especializado.

Patrice Pavis, em seu célebre *Dicionário de teatro*, afirma que:

“a teatralidade seria aquilo que, na representação ou no texto dramático, é especificamente teatral (ou cênico) [...] Mas o conceito tem algo de mítico, de excessivamente genérico, até mesmo de idealista e

etnocentrista”¹.

A essa idéia do especificamente teatral, Pavis nos remete a Artaud e sua busca por um teatro que não fique restrito apenas a uma primazia dos diálogos, das palavras. A teatralidade seria, portanto, captando a idéia de outro teórico, Roland Barthes, toda uma espessura de signos que existem no teatro, representados não pelo texto enquanto conjunto de palavras, mas sim, pelo texto em seus aspectos cênicos, sua visualidade e sonoridade, e todos os elementos da cena propriamente dita.

Interessante notar que Jean-Pierre Ryngaert percebe a coisa com outros parâmetros. Também observando a teatralidade como uma característica do que pode ser levado à cena, Ryngaert vê, nos textos elaborados seguindo as formas dramáticas tradicionais, não a falta de teatralidade, mas sim, sua presença. Para ele, o texto dramático tradicional, na sua própria forma de organização, apresenta o elemento da teatralidade. O termo é ampliado na medida em que o texto teatral, o texto capaz de ser levado à cena, passa a não ser mais compreendido apenas dentro dos limites do texto dramático convencional, a tal separação entre teatro e drama.

A posição de Ryngaert é bastante interessante. O autor parece fugir de um certo preconceito, e até mesmo ódio, para com o gênero dramático, ao assumir as estruturas desse gênero como também pertencentes a noção de teatralidade. Por muito tempo, foi do drama que o teatro se valeu, portanto, não há como eliminar a prática ao se elaborar uma teoria. Ryngaert também descarta a sinonímia entre teatralidade e espetacularidade ou excesso, apontando a possibilidade de formas mínimas de teatralidade.

Mas voltemos ao trecho supracitado do dicionário de Pavis. Em relação a idéia do conceito de teatralidade como algo que contém um caráter altamente abstrato, genérico, mítico, o próprio Pavis estabelecerá uma ressalva posteriormente. É isso que afirma Sílvia Fernandes ao se referir a um texto do estudioso francês posterior à edição do *Dicionário de teatro*.

A partir da leitura de espetáculos do Festival de Avignon de 1998, Pavis irá reelaborar sua noção de teatralidade. Frente às teatralidades plurais do Festival, o pesquisador reavalia sua posição e retira o caráter mítico, abstrato, antes empregado em torno do conceito “[...] para trabalhá-lo a partir do uso pragmático de certos procedimentos cênicos e, especialmente, da materialidade espacial, visual, textual e expressiva de escrituras espetaculares específicas”². Fugindo de uma definição dogmática, Pavis acaba por demonstrar que o conceito de teatralidade é algo não-estável, migratório, polissêmico. Cada experiência pode conter uma forma de teatralidade específica, com função específica. Isso torna a noção fundamental para a teoria do teatro pensar as diversificadas poéticas

¹ PAVIS, 2001, p 372.

² FERNANDES, 2010, p 101.

contemporâneas. Esse novo tratamento ao termo não estaria corroborando com o pensamento de Ryngaert?

É importante ressaltar que, nessa segunda tentativa de responder a pergunta “O que é teatralidade?”, Patrice Pavis separa a teatralidade de “essências inerentes ao fenômeno teatral”³. A mesma posição que é assumida pela pesquisadora Josette Féral, que também afirma não ser a teatralidade uma característica exclusiva do teatro.

Nesse sentido, creio que pensar a teatralidade para além do especificamente ligado à arte do teatro torna-se importante pois permite, ao mesmo tempo, distanciar e estabelecer interseções com outras formas de expressão artística e campos de conhecimento. Trata-se de perceber a teatralidade como um conceito operativo, que pode auxiliar a teoria não só no entendimento das práticas contemporâneas no teatro, mas também, como um conceito que pode operar para fora dos limites desta cátedra.

Josette Féral defende ainda a idéia de que a teatralidade é produzida de forma dinâmica pelo olhar, um olhar consciente que solicita outros espaços e sujeitos. Ela, inclusive, não é a única a trazer o elemento olhar à discussão sobre a teatralidade. O próprio Pavis corrobora com essa idéia em seu dicionário ao tratar da etimologia da palavra teatro relacionando-a com a origem da teatralidade. Do grego *theatron*, o teatro é o lugar de onde se vê, “[...] é mesmo, na verdade, um ponto de vista sobre um acontecimento: um olhar, um ângulo de visão e raios ópticos o constituem”⁴.

O olhar, desta forma, pode ser encarado com uma dupla função. Sua tarefa é não apenas servir de mecanismo de identificação da teatralidade, mas, como diria Jean-Pierre Ryngaert, é também o olhar, o próprio elemento fundador da teatralidade. Esse olhar é tanto do espectador quanto do criador. Josette Féral

“[...] sustenta que a teatralidade tanto pode nascer do sujeito que projeta um outro espaço a partir de seu olhar, quanto dos criadores desse lugar alterno, que requerem um olhar que o reconheça. Mas é mais comum que a teatralidade nasça das operações reunidas de criação e recepção. De qualquer forma, ela é fruto de uma disjunção espacial instaurada por uma operação cognitiva ou um ato performativo daquele que olha (o espectador) e daquele que faz (o ator). Tanto *ópsis* quanto *práxis* é um vir a ser que resulta dessa dupla polaridade”⁵.

Esse espaço alterno não é exclusivo, como já dito, nem do teatro nem do texto para teatro. O escritor argentino Alberto Manguel é um dos que afirmam que qualquer imagem pode também ser um palco para representação. Ele defende que no momento da recepção, o espectador de um quadro, por exemplo, confere à obra um caráter dramático e passa a ampliar o potencial da obra ao contar, por ela e à partir dela, uma história. Para Manguel, essa história é iniciada pelo artista-criador que, no entanto, não possui o controle sobre o

³ Idem.

⁴ PAVIS, 2001, p 372.

⁵ FERNANDES, 2010, p 123.

final da história, de pertencimento do espectador. Cabe ao espectador a construção desse enredo, dessa história cujo princípio não o pertence. Manguel se refere, assim, à fábula, a estrutura narrativa do drama, construída num espaço entre os imaginários do autor da imagem (pintor, fotógrafo, escultor, ...) e do espectador. Trata-se da mesma disjunção espacial exposta pelos teóricos que tratam do conceito de teatralidade.

A uma imagem fixa, estável, podemos atribuir o caráter temporal da narrativa, estabelecendo-lhe um antes e um depois, movendo-a do espaço restrito, por exemplo, de uma moldura. E este, o aspecto da narrativa, é apenas um dos elementos da teatralidade que permitem tal expansão. Ao mesmo tempo, podemos tentar analisar toda uma estrutura de gestos, expressões, movimentos, atmosferas, ambientes e todo um sem fim de elementos que podem compor a cena.

A análise da imagem, pensada pelo viés da teatralidade, traz uma idéia do fazer saltar, através das pulsões imaginárias, de todo um espaço de encenação. Isso auxilia em muito na pesquisa que desenvolvo em meu mestrado, que visa à criação dramaturgica a partir da análise de obras do pintor russo Marc Chagall (1887-1985).

A teatralidade como chave para operar a análise das obras de Chagall tem, para mim, uma dupla vantagem. A primeira, reside no fato de que, por ter formação em artes cênicas e não em artes plásticas, a noção de teatralidade parece ser a ferramenta teórico-metodológica da qual posso ter um maior domínio. E é também, já apresentando a segunda vantagem, a mais adequada aos meus objetivos, pois, é recomendação recorrente entre os teóricos que tratam da análise de imagens, que esta deva ser feita a serviço de um projeto e que, portanto, o mecanismo de análise utilizado deva ser o que melhor se adeque a tais propósitos. Não vejo mecanismo mais adequado.

Referências bibliográficas:

FERNANDES, Sílvia. *Teatralidades contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FERREIRA, Aurélio B. H., *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 2008.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichenberg e Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. Trad. J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 2001.

RYNGAERT, Jean-Pierre. *Ler o teatro contemporâneo*. Trad. Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1998.